HERANÇAS ENTRE A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL E A PSICANÁLISE DE FREUD: UM (IM) POSSÍVEL ENCONTRO ENTRE PAUL RICOEUR E JACQUES DERRIDA

HERITAGES BETWEEN HUSSERL'S FENOMENOLOGY AND FREUD'S PSYCHOANALYSIS: AN (IM) POSSIBLE ENCOUNTER BETWEEN PAUL RICOEUR AND JACQUES DERRIDA

Fabio Marchon Coube*

RESUMO

O texto tem como objetivo aproximar o pensamento dos filósofos Paul Ricoeur e Jacques Derrida. Respeitando as suas diferenças, uma vez que Ricoeur percorre a filosofia pela hermenêutica e Derrida trilha seu percurso no pensamento da desconstrução, a proposta é apontar um possível encontro que ocorre quando ambos os filósofos trazem a importância da obra de Freud para o pensamento filosófico. Para tanto, faz-se necessário perceber a herança da fenomenologia de Husserl traz uma valiosa questão até a descoberta do inconsciente, em uma referência ao que seria dado como antifenomenologia ou hiper-realismo em ambos os filósofos.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia; psicanálise; hermenêutica; desconstrução

ABSTRACT

The text has as objective approximates the thought between Paul Ricoeur and Jacques Derrida. Respecting their differences, cause Ricoeur travels in the hermeneutic philosophy and Derrida treads his course in deconstruction's thought, this proposal is a possible encounter that appears when both of philosophers bring the importance of Freud's work for the philosophy. The heritage of the Husserl's phenomenology also bring a valuable question until the appearance of unconscious, in a reference to the what would be given as antiphenomenology or hiper-realism in both of philosophy.

KEYWORDS: philosophy; psychoanalysis; hermeneutic; deconstruction

* Mestre em Filosofia (PPGF-UFRJ), professor da FAC-UNILAGOS. E-mail: fabiomarchon@hotmail.com

I. Introdução

Mais do que um interesse comum, a influência da psicanálise na obra de Paul Ricoeur e Jacques Derrida vem a ser uma proposta para pensar a filosofia de uma maneira diferente, na medida em que a introdução dessa outra área de conhecimento pode ser vista também como a impossibilidade de manter o pensamento filosófico enclausurado em si mesmo, capaz de dar conta de modo neutro e autossuficiente seus questionamentos.

A psicanálise é capaz de envolver as margens do pensamento filosófico de uma maneira que a mesma não pode mais ser descartada, abandonada, deixada de lado. Muito pelo contrário, essa espécie de *contaminação* para além de marcar a influência psicanalítica na filosofia, vai ao encontro das resistências proporcionadas em ambas as áreas de conhecimento, ampliando a possibilidade de compreensão e reflexão sobre o Ser e o Outro, o consciente e o inconsciente, entre outros percursos.

O caminho traçado por Ricoeur e Derrida, o primeiro na hermenêutica e o segundo traçado pelo pensamento da desconstrução, embora em percursos diferentes, carrega um mesmo legado, a obra de Sigmund Freud em seus percursos filosóficos. E em nome de uma herança freudiana percorrem por um fluxo que engendra a psicanálise em diversos momentos de suas respectivas obras. Uma herança mútua que não se estende apenas em citar a psicanálise freudiana, mas interpretar, compreender ou até mesmo para ir além de, dar continuidade ao pensamento freudiano.

No prefácio do livro *Da interpretação: Ensaio sobre Freud*, Paul Ricoeur confessa que, embora não esteja vinculado aos conhecimentos da experiência analítica, posto que escreve sem ser analista ou analisado, seu foco nos escritos de Freud, para além das discussões sobre sua plenitude, está em observar que, no cerne da obra freudiana é possível fazer uma nova análise para o entendimento do homem. Nesse sentido, o trabalho efetuado na leitura de Freud pela filosofia ricoeuriana comporta uma nova via, seguir com viés intermediário, não há intenção de versar sobre a psicanálise tal como faria um psicanalista ou teórico da psicanálise. Todavia, torna-se impossível pensar a filosofia do sujeito sem considerar a teoria do inconsciente freudiano. Trata-se de minar uma determinada filosofia que se volta apenas para a compreensão da consciência pura, da presença plena e do sujeito centrado.

A travessia freudiana de Ricoeur é voltada também pela distinção das leituras até então feitas sobre o “pai da psicanálise”, opondo-se a seu professor Dalbiez quanto à contribuição de Freud sobre a compreensão do homem, pois para Ricoeur “é por ser, de direito, uma interpretação da cultura que a psicanálise entra em conflito com qualquer outra interpretação global do fenômeno humano” ¹. (RICOEUR, 1977, p.12).

Em outros casos, a leitura de Ricoeur possibilita uma resposta aos críticos da lógica, sobretudo a de Ernst Nagel. Nagel foi um pensador que não se adequou aos avanços dos estudos psicanalíticos, classificando a psicanálise como um estudo incapaz de afirmar uma proposta empírica por meio de seus praticantes. Segundo Mezan, a proposta de Nagel era afirmar que “a psicanálise não é uma ciência porque seus conceitos não são "operatórios", o que significa que são mal definidos e confusos” ².

Diante desses pressupostos, a psicanálise então se desvincularia de toda ou qualquer ciência, caindo no terreno da experimentação. Mezan prossegue sobre as intenções de Nagel acerca dos conceitos da psicanálise: “Com base neles, são formuladas teses que, por sua vez, sofrem do defeito de ser inverificáveis por quaisquer procedimentos que respeitem as normas do bom método científico, identificado com o método experimental” ³. A leitura de Freud feita por Paul Ricoeur se opõe a tal pensamento, justamente por não separar o método e doutrina, a força e o sentido, divisões formuladas frequentemente pela lógica ou pela interpretação filosófica vigente na época⁴. O discurso freudiano seria então um híbrido capaz de engendrar o energético e o hermenêutico, uma incorporação da metapsicologia.

¹ RICOEUR, P., *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 12.

² MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=

³ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões.

⁴ Até a década de 60, a leitura da obra de Freud foi marcada na França por tensas argumentações. Segundo Matteo “Persistia, também, toda uma tradição cartesiana da filosofia francesa que tinha suas dificuldades em aceitar um discurso que considerava a consciência como um ‘sintoma’, sem contar com a tradição espiritualista e idealista que via com desconfiança o ‘materialismo’ da ‘doutrina’ freudiana.” Toma-se como base dessa interpretação a leitura feita por Politzer que se distanciava da doutrina freudiana em prol do marxismo e Dalbiez que articulou no *La Méthode psychanalytique et la Doctrine freudienne*, uma separação entre o método da doutrina freudiana, aceitando o primeiro em detrimento do segundo. Continuando em Matteo, este afirma que Ricoeur retoma essa problemática em seu Ensaio sobre Freud para demonstrar justamente que o método não estaria em oposição à doutrina mas seria fundamental para a mesma, articulando o método como doutrina. MATTEO, V. Di. Ressonâncias freudianas na filosofia do século XX. Acesso em: <http://www.ufpe.br/filosofia/arquivos/RESSONANCIAS%20FREUDIANAS%20NA%20FILOSOFIA%20DO%20SECULO%20XX%20%28b%29.pdf>

Esse engendramento seria potencialmente capaz de ser levado para as outras ciências humanas. É nesse sentido que Ricoeur guiará sua leitura analítica, pois para o filósofo: “Nas ciências humanas, a ‘teoria’ funda os próprios fatos. Os ‘fatos’ da psicanálise são instituídos pela ‘teoria’: na linguagem freudiana, pela ‘metapsicologia’. É conjuntamente que a ‘teoria’ e os ‘fatos’ podem ser infirmados e confirmados”⁵. O próprio Freud, ao desenvolver sobre as interpretações dos sonhos e as formulações do aparelho psíquico, apontou o quão problemático é pensar a psicanálise aproximando-a das ciências exatas:

Não há dúvida de que as realizações psíquicas dos sonhos receberam um reconhecimento mais rápido e mais caloroso durante o período intelectual que agora ficou para trás, quando a mente humana era dominada pela filosofia, e não pelas ciências naturais exatas (FREUD, 1976, p.54).

Nessa referida passagem de *A interpretação dos sonhos*, Freud vê com aquiescência uma aproximação filosófica desde que essa faça jus ao pensamento psicanalítico⁶. Todavia, as resistências dentro da psicanálise décadas mais tarde iriam apontar o desejo de apropriação de seus domínios. Já nesse sentido, Derrida enfatizaria, através de sua leitura de Freud na década de 60, uma outra leitura da psicanálise e, segundo Roudinesco, serviria para demonstrar a falência da argumentação de que apenas os analisados seriam capazes de obter seus domínios de maneira soberana⁷.

Já na década de 80, convidado pelo grupo de psicanalistas *Confrontation* para uma apresentação, Derrida recorre a uma indagação próxima a de Ricoeur ao perguntar o que significaria, para um filósofo de formação como ele, estar ali tecendo comentários acerca da psicanálise, visto que não seria um analista e tampouco analisando⁸. O que está em xeque para o filósofo franco-argelino é o limite da análise, e se há esse limite em uma

⁵ RICOEUR, P. *Da Interpretação – Ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 61.

⁶ A psicanalista Roudinesco trabalha a hipótese da metapsicologia como um meio pela qual a psicanálise não se limitaria mais em permanecer sob um “feudo filosófico”. O surgimento da metapsicologia tem a ver com um modelo especulativo capaz de habitar as ciências da natureza e da reflexão especulativa. A potencialidade de lidar com a descoberta dos processos inconscientes estariam para a psicanalista francesa em diversas obras freudianas consideradas como textos metapsicológicos, como em *A interpretação dos sonhos*. DERRIDA, J., ROUDINESCO, E. *De que amanhã... Diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 206.

⁷ DERRIDA, J., ROUDINESCO, E. *De que amanhã... Diálogo*, p. 202.

⁸ FORRESTER, J. *As Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas, SP: Papirus, 1990, p. 219.

leitura freudiana, até onde vai essa tentativa de apropriação da obra de Freud, assim como suas resistências dentro e fora da psicanálise.

Segundo o psicanalista René Major, a partir da descentralização da consciência elaborada por Freud, os estudos psicanalíticos incorporados pelos discursos filosóficos proporcionaram o reconhecimento de filósofos como Lacan e Derrida, e no caso desse último, desde os avanços dos estudos sobre os conteúdos recalçados, passa a ser impossível articular ou produzir seu pensamento de formação filosófica sem percorrer em algum momento ou apenas deixar de lado a força e a influência da psicanálise. Major ainda elucida que embora haja uma aproximação, Derrida trabalhará justamente nos limites da psicanálise, suas margens e resistências.⁹ Para tanto, o psicanalista francês citará a conferência “Let us not forget – Psychoanalysis”¹⁰, um texto apresentado por Derrida onde o filósofo franco-magrebino além de tomar partido favorável à psicanálise, uma vez que essa se torna mal vista por solapar os pressupostos da razão, desenvolve também a tarefa considerada no mínimo difícil: pensar ou retornar à história da razão, do sujeito plena, da consciência, do *cogito* reflexivo¹¹. Segundo Major, Freud seria um “poderoso aliado” de Derrida justamente por possibilitar uma alteração do sentido metafísico, sendo o inconsciente incapaz de preencher uma oposição perfeita em conjunto com o consciente, onde a presença não estaria equivalente as noções de espaço e futuro. Citemos Major: “O sujeito se busca e se encontra no objeto que não é, em si, seu contrário. Não há presente puro por oposição ao passado. O passado está presente no presente e o presente sempre já passou. A origem já está atrasada e, portanto, o atraso é originário”¹².

No entanto, para fazer jus a essas novas ponderações da obra de Freud na filosofia, tanto feita por Derrida quanto por Ricoeur, faz-se necessário percorrer a herança da fenomenologia de Husserl nesses dois filósofos.

⁹ “Alguns, entres os quais Derrida – e, no seu caso, do modo mais evidente e mais eminente possível –, já não pensavam ou já não pensavam mais sem a psicanálise, sem nunca deixar de apontar seus limites”. MAJOR, René. *Lacan com Derrida*; tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 12.

¹⁰ DERRIDA, J. “Let us not forget — Psychoanalysis”, *The Oxford Literary Review*, «Psychoanalysis and Literature», vol. XII, n^{os} 1-2, 1990.

¹¹ MAJOR, R.. *Lacan com Derrida*.

¹² MAJOR, R.. *Lacan com Derrida*, p. 12-13.

2. A herança husserliana

A fenomenologia de Edmund Husserl apresenta a estrutura da consciência, na medida em que, contrária ao psiquismo, articula-se como uma *consciência-de*, propondo trazer à consciência algo relativo a um ato intencional ¹³. O método utilizado pela filosofia fenomenológica de Husserl teria como objetivo ser uma ciência eidética, baseada na intuição das essências sem que para isso seja capaz de ser confundida por toda ou qualquer dimensão factual. Chegar à coisa mesma mediante sua evidência concreta, obter um retorno às próprias coisas, necessita de uma redução fenomenológica. ¹⁴

A crítica de Husserl ao psiquismo segundo Held estaria nessas reivindicações fenomenológicas uma vez que recorrem a atos intencionais da consciência. “Por essa razão, o que buscamos só pode ser consciência” ¹⁵, afirma Held sobre o pensamento de Husserl, e prossegue: “Para isso, deve ser mostrado que a consciência intencional, ao contrário de como aparece naturalmente, não pertence ao mundo; em seu modo de ser, não é ‘mundano’, como diz Husserl” ¹⁶. Todavia, para Ricoeur um possível encontro da coisa com o sujeito proposta pelo método fenomenológico não seria conduzido enquanto tal. Segundo Pellauer o equívoco do método transcendental observado por Ricoeur deve-se à impossibilidade de uma completa redução, posto que “se podemos questionar nossa experiência, nunca podemos escapar completamente ao mundo da vida cotidiana, do qual sempre partimos” ¹⁷.

As considerações acerca da herança fenomenológica de Ricoeur vão ao encontro à crítica ao psiquismo feita por Husserl, mas precisamente por desconsiderar o tremor causado pela psicanálise para o pensamento filosófico. Citemos o filósofo francês:

Para quem foi formado pela fenomenologia, pela filosofia existencial, pela renovação dos estudos hegelianos e pelas investigações de tendência linguística,

¹³ WELTON, D. *The new Husserl: A Critical Reader*. Indiana University Press, p. 15.

¹⁴ HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*: São Paulo: Nova Cultural, 1988.

¹⁵ HELD, K. “Husserl’s Phenomenological Method in WELTON, D. *The new Husserl: A Critical Reader*. Indiana University Press, p. 23.

¹⁶ HELD, K. “Husserl’s Phenomenological Method in WELTON, D. *The new Husserl: A Critical Reader*. Indiana University Press, p. 24.

¹⁷ PELLAUER, D. *Compreender Ricoeur*, p. 92.

o encontro com a psicanálise constitui um enorme abalo. Não é esse ou aquele tema da reflexão filosófica que é atingido e questionado, mas o conjunto do projeto filosófico (RICOEUR, 1978, p.87).

Segundo Ricoeur, a própria redução fenomenológica já tem em si mesma a compreensão de deslocamento uma vez que passa por um deslocamento metodológico¹⁸. Nesse ponto, Ricoeur não rompe com a fenomenologia, mas parte dessa para observar que a mesma, enquanto projeto filosófico, é incapaz de dar conta das suspeitas lançadas por pensadores como Freud, Nietzsche e Marx¹⁹. Os chamados “mestres das suspeitas” minam as pretensões da consciência e em Freud, possibilita-se perceber que não há um conhecimento totalmente preenchido no âmbito da consciência.

A potencialidade de não compreender plenamente o inconsciente impõe suspeitas suficiente para repensar a consciência e suas pretensões. “Eis o benefício essencial daquilo que há de mais antifilosófico, de mais antifenomenológico em Freud: o ponto de vista tópico e econômico aplicado ao conjunto do aparelho psíquico”²⁰ cita Ricoeur, fazendo referência ao artigo *Inconsciente* de Freud.

O próprio deslocamento redutor referido à fenomenologia, para o filósofo francês proporcionaria aproximá-la da psicanálise, sobretudo quando a intencionalidade não dá mais conta da presença em si, do irrefletido, o psiquismo não pode mais ser limitado e enclausurado em uma definição da consciência. Nesse sentido, essa aproximação poderia ser considerada como uma anti-fenomenologia, pois segundo o filósofo francês “a

¹⁸ O deslocamento segundo Ricoeur é constituído pela própria proposta de redução fenomenológica. Essa se aproximaria do inconsciente freudiano de maneira ímpar no âmbito da filosofia reflexiva, mas do mesmo modo que se aproxima, acaba deixando escapar essa possibilidade. E é tomando consciência dessa possibilidade de distanciamento que Paul Ricoeur faz suas observações: “Não se trata de uma confusão, de um desconhecimento, mas de uma aproximação verdadeira, que se acerca mais do inconsciente freudiano e finalmente o deixa escapar, não dando dele senão uma compreensão nos limites de si mesma. É tomando consciência da distância que se separa o inconsciente segundo a fenomenologia e o inconsciente freudiano que apreenderemos, por um método de aproximação e de diferença, a especificidade dos conceitos freudianos.” RICOEUR, P. *Da interpretação: Ensaio sobre Freud.*, trad. br., Rio: Imago, 1977, p. 304- 305.

¹⁹ No capítulo *O consciente e o Inconsciente*, Ricoeur abordará que o questionamento do projeto filosófico se dá através dos “protagonistas da suspeita”, colocando Freud ao lado de Nietzsche e Marx como pensadores que rompem com os ideais da consciência vigentes. RICOEUR, P. *O conflito das Interpretações*, trad. br., Rio: Imago, 1978, p. 87.

²⁰ RICOEUR, P. *O conflito das Interpretações*, p. 87.

passagem pela tópica e pela econômica freudiana outra coisa não faz a não ser exprimir essa necessária disciplina de uma antifenomenologia”²¹.

Para Ricoeur, há uma necessidade de compreender a concepção do homem e isso só pode ser feito a partir do re-conhecimento não só da psicanálise, mas pelas ciências humanas em geral. Um enxerto hermenêutico à fenomenologia seria para Ricoeur esse modo de interpretar a filosofia da consciência em justaposição com o inconsciente freudiano, renovando o seguimento filosófico em relação ao homem. A reflexão desse enxerto pode ser vista conforme Jardim elabora acerca do trabalho desenvolvido por Ricoeur em *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Citemos Jardim:

o pensador francês, ao mesmo tempo que apresenta uma leitura original e extremamente requintada dos textos freudianos, discerne na teoria psicanalítica uma concepção do homem que contesta o primado do cogito e fornece elementos para renovar a antropologia filosófica (JARDIM, 2000, p.215-226).

A renovação de uma antropologia filosófica permeia em Ricoeur quando surge o questionamento sobre possibilidade de erro, onde o homem poderia então ser visto não mais como pleno e finito entre suas condições humanas, mas como *homem falível*. Segundo Pellauer, na formação da ideia de “*pathétique de misère*”²². Ricoeur atribuiu o conflito do ser humano incapaz de ser um “consigo mesmo”²³. As argumentações geradas em torno do homem coincidiram com toda a potência dos discursos freudianos, capazes de contaminar as argumentações filosóficas sobre o homem no âmbito de alargar os limites epistemológicos.

A leitura de Husserl feita por Derrida será marcada desde o início de sua apresentação como filósofo. Ao produzir sua tese sobre o problema da gênese em Husserl e

²¹ RICOEUR, P., *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, p. 346.

²² Para entendermos essa expressão de Ricoeur, citemos Pellauer: “ Por ‘*pathétique*’ Ricoeur entende que o que está em questão é tanto algo por que passamos quanto produzimos, algo que sofreremos, se quiserem, onde o “que” final dá uma ideia de condição estrutural, para além do tom mais emocional que daria simplesmente a palavra ‘*pathos*’”. Quanto à “*misère*”, Pellauer cita: “Já ‘*misère*’, poderia ser traduzia como empobrecimento, destituição ou ruína, em vez de calcada como miséria, pois o argumento do Ricoeur é de que há uma espécie de desproporção na existência humana, a qual pode ser expressa pela tensão entre nossa particularidade e nossa habilidade para transcender nossos pontos de vista particulares. Em termos cartesianos, é uma tensão entre o finito e o infinito tal como expressa pela particularidade de nossa percepção e a aparente universalidade do que rotulamos de conhecimento.” PELLAUER, D. *Compreender Ricoeur*, p. 44-45.

²³ PELLAUER, D. *Compreender Ricoeur*, p. 44.

traduzir para o francês *A Origem da geometria*, escrevendo seu prefácio, Derrida já fazia jus a herança fenomenológica²⁴. Em *A escritura e a diferença*, Derrida dedica um dos artigos do livro também à gênese e a estrutura em Husserl. Nesse referido artigo, o filósofo franco-magrebino argumenta que a originalidade husserliana buscaria diferenciar ou renunciar a “via psicologista”, segundo a qual Husserl teria prescrito uma constituição de uma psicologia fenomenológica ainda de caráter mundano justamente por não poder, para Derrida “excluir a posição dessa coisa do mundo que é a psiquê”²⁵.

Em *A voz e o fenômeno* sua leitura de Husserl ganha grande destaque ao confrontar o privilégio da voz e da escritura fonética. Para Derrida, a fenomenologia transcendental de Husserl representaria na história do ocidente, dentro de seu rigor e complexidade, um pensamento que se relaciona historicamente com a presentificação e o querer-dizer. Trata-se, a partir dessa argumentação propor a seguinte indagação: “O que é o ‘querer-dizer’, quais são suas relações históricas com aquilo que se pensa identificar sob o nome da ‘voz’ e como valor da presença, presença do objeto, presença do sentido à consciência, presença a si na palavra dita ‘viva’ e na consciência de si?”²⁶

Isso quer dizer que, embora tenha em Husserl um de seus alicerces filosóficos, Derrida propõe outras questões quanto suas orientações fenomenológicas²⁷. As pressuposições da fenomenologia de Husserl, por maior rigor filosófico exercido, ainda induziria segundo o filósofo franco-magrebino a um “princípio dos princípios” como reconhecimento, firmeza, garantia onde pudesse estar longe das incertezas ou ter valor

²⁴ Em entrevista concedida a Antoine Spire para o *Le monde de L'éducation*, Derrida é perguntado se Husserl poderia ser considerado a primeira grande influência filosófica de seus textos, uma vez que alguns de seus primeiros textos foram voltados para o pensamento do fenomenólogo alemão, e que em seguida, o teriam levado para o pensamento de Lévinas e Heidegger a partir da fenomenologia. A propósito dessa questão, Derrida responde: “Husserl não foi o meu primeiro amor em filosofia. Mas ele deixou um rastro profundo em meu trabalho. Nada do que faço seria possível sem a disciplina fenomenológica, sem a prática das reduções eidéticas e transcendentais, sem a atenção dada ao sentido da fenomenalidade, etc. É como um exercício prévio a toda leitura, a toda reflexão, a toda escrita.” IN: DERRIDA, J. *Papel-Máquina*; Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 338.

²⁵ DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*, p.100.

²⁶ DERRIDA, J. *Posições* p.11.

²⁷ Citemos um breve trecho do artigo “ ‘Gênese e estrutura’ e a fenomenologia”: “Sabemos da diferença reconhecida por Husserl entre *exatidão* e *rigor*. Um ciência eidética descritiva, tal como a fenomenologia, pode ser rigorosa mas é necessariamente inexata – diria antes ‘anexata’ – e não devemos ver nisto nenhuma enfermidade.” DERRIDA, J. *A Escritura e a diferença*. P. 95.

capaz de assegurar uma evidência originária, “a evidência doadora originária, o presente ou a presença do sentido a uma intuição plena e originária” ²⁸.

Um retorno ao lugar de origem, ao ponto de partida, implicar-nos-ia a possibilidade na qual uma determinada ordem das razões construiria então *um* retorno perfeito a *um* todo. Sobre isso, Bennington diz:

O pensamento (metafísico) que começa pela busca das origens ou dos fundamentos, e procede a uma reconstrução na ordem, acha seguramente que isso não aconteceu como deveria: para que fosse preciso recomeçar tudo sobre bases certas, é necessário pensar que em algum lugar as coisas foram mal e esforçar-se em explicar o porquê e como seria ao menos possível (BENNINGTON, G., DERRIDA, J. *Jacques Derrida*, 1996, p.20).

Deste modo, essa “busca das origens ou dos fundamentos” primária pela repetição originária das coisas supondo um retorno a coisa-mesma, a presença enquanto tal e a mesma tornar-se-ia então impossível de ser pensada para além da metafísica. Sobre uma “metafísica da presença”, Caputo atribui ao termo utilizado por Derrida uma realidade paradoxal a qual trata o possível sem uma presença plena, visto naquilo que há, no que acontece através da representação do efeito constituído e numa mesma medida a essa presença sem presença, num “hiper-realismo”. Para Caputo, “o desejo da desconstrução não se satisfaz com o que quer que se apresente como real” ²⁹. A repetição originária é por si só fadada ao fracasso.

Para o hiper-realismo, Caputo nos demonstra um “amor às coisas mesmas” ³⁰, em forma de uma “estranha presença”. Ter sempre a coisa mesma escapando, mesmo parecendo ser a mais árdua das tarefas (essa é a dificuldade de se amar), mesmo guiados pelo desejo de retorno originário das coisas, é a tarefa da desconstrução e, de uma maneira e de outra, sempre escapar nesse jogo de significantes. O que se pretende passar pela “coisa real”, o que vem a ser dado na filosofia clássica como “coisa real” ou chamado de “realidade”, vai ser configurado na desconstrução como hiper-realismo sempre destinado

²⁸ DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno*, p.11.

²⁹ CAPUTO, J. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida” p. 31.

³⁰ CAPUTO, J. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida” p. 38.

ao outro, todo e qualquer outro, que nos chega e permanece como inacessível³¹. Pois, como observa o professor americano, esse “hiper” de hiper-realismo “repousa na transcendência do outro, pois o outro se encontra *au-delà*, do outro lado, lá, me confrontando com sua exigência sobre mim, uma exigência da qual eu não sou a origem”³².

A escritura é essa experiência traumática que segundo Derrida “não responde mais a nenhum desejo, ou antes, ela significa a sua morte ao desejo”³³, capaz de romper com a presença da paixão, da unidade do signo enquanto escrita fonética em relação à presença da voz, ser representante sem representado, ex-apropriando a “coisa mesma” e objeto de amor, de desejo, de retorno. Ter na escrita a representação plena da fala. O impedimento de um “eu” ser a origem, essa exigência do todo outro dito por Caputo, traz a contaminação da fala, afetando de fora o seu dentro, no que Jacques Derrida chamou de “*alteridade absoluta da escritura*”³⁴. E se não há origem enquanto tal, não quer dizer que há o nada. Trata-se de rastros, marcas, marcas das marcas, um pensamento em “restância”, um suplemento. Sobre o suplemento de origem o filósofo franco-magrebino diz:

Trata-se, pois de um suplemento originário, se se pode arriscar esta expressão absurda, inteiramente inaceitável numa lógica clássica. Ou antes, suplemento de origem desfalecente e que, contudo, não é derivado; este suplemento é, como se diz de uma peça, de origem (DERRIDA, 1999, p.383).

Nessa referida citação, podemos observar que, no pensamento de Derrida, o suplemento de origem nunca está presente, tampouco se pode dizer que está ausente. Recorre-se então não ao nada, mas ao que tem efeito na escritura numa estranha essência. Estranha essência cujo efeito é não ter justamente uma essencialidade. Pois para Derrida, a própria ideia de essência está vinculada à ideia de presença³⁵.

³¹ CAPUTO, J. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida” p. 38.

³² CAPUTO, J. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida”, p. 39.

³³ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 382.

³⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p.383.

³⁵ De acordo com Derrida, essa estranha essência significa por “precisamente não ter essencialidade: sempre lhe é possível não correr. Ao pé da letra, aliás, ele nunca ocorre: nunca está presente, aqui, agora. Se estivesse, não seria o que é, um suplemento, tendo o lugar e mantendo a posição do outro.” DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 383.

É nesse sentido que Derrida afirma a necessidade de reconhecer em Freud o que não se deixa enclausurar, observando nos modelos metafóricos sua capacidade de se inscrever para além da palavra falada. “Freud recorre a sinais que não vem transcrever uma palavra viva e plena, presente e senhora de si”³⁶, cita o filósofo franco-magrebino, ao iniciar seu ensaio sobre o bloco mágico de Freud onde perceberá um Freud toda a potencialidade de reflexão no que se refere ao traço e escrita. Segundo Freud, os traços inscritos nesse “pequeno invento” não poderiam ser abandonados ou apagados, removidos por vontade própria. No início de “Notas sobre o bloco mágico”, Freud tendo como necessidade elucidar a discussão acerca da consciência, toma como base uma nota, uma folha de papel. Nela exemplifica que essa nota pode ser utilizada, preenchida quando se necessário para recorrer ou auxiliar a memória de algo que porventura possa ser esquecido. A respeito disso, esses traços poderiam então sucumbir quando, por desejo próprio, quisesse descartá-los simplesmente a qualquer momento uma vez que não tenham mais valor. Não obstante, esse movimento de inscrição poderia ser completamente preenchido, saturado, e logo seria necessário uma nova nota.

No entanto, Freud afirma que, desde *A interpretação dos sonhos*, já esboçava suspeitas de algo que pudesse então adquirir novas percepções e, ao mesmo tempo, registrar traços mnêmicos imutáveis³⁷. É neste instante que Freud aproximará o bloco mágico do aparelho psíquico. Citemos Freud: “Sobre o Bloco Mágico a escrita se desvanece sempre que se rompe o íntimo contato entre o papel que recebe o estímulo e a prancha de cera que preserva a impressão”³⁸.

O bloco mágico seria então para o psicanalista muito semelhante ao aparelho de percepção e a origem da memória uma vez que, para além do exemplo da folha de papel, compreenderia uma inscrição feita por *duas mãos*,³⁹ em um duplo gesto com características de ter uma “profundidade sem fundo”, como diz Derrida, e mesmo virgem para um nova

³⁶ DERRIDA, J. *A Escritura e a diferença*, p. 182.

³⁷ FREUD, S., “Uma nota sobre o bloco mágico” (1925), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, Rio de Janeiro, Imago, vol. XIX.

³⁸ FREUD, S., “Uma nota sobre o bloco mágico”, p.300.

³⁹ Para melhor exemplificar essa ideia, citemos Freud: “Se imaginarmos uma das mãos escrevendo sobre a superfície do Bloco Mágico, enquanto a outra eleva periodicamente sua folha de cobertura da prancha de cera, teremos uma representação concreta do modo pelo qual tentei representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente.” FREUD, S., “Uma nota sobre o bloco mágico”, p.301.

escrita, mantém na tabuinha de cera os traços “duradouros do escrito”, representa-se nele então o inconsciente.

E conforme o filósofo franco-magrebino cita que: “Os traços não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período da sua desapareição. Desde a origem, no ‘presente’ da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e ilegibilidade”⁴⁰. A escritura necessita das duas mãos para estar escrevendo e apagando ao mesmo tempo, tal como escrever sobre a herança herdada, fiel e infiel, infiel por fidelidade ao movimento da estrutura do texto, ao seguimento do traço, à própria *différance*.

REFERÊNCIAS

BENNINGTON, G., DERRIDA, J. **Jacques Derrida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

CAPUTO, J. “Por amor às coisas mesmas: o hiper-realismo de Derrida”. In: **Às margens: a propósito de Derrida**. Org. Paulo Cesar Duque- Estrada. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 1994.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DERRIDA, J. "Moi—la psychanalyse" in **Psyché: Invention de l'autre**. Paris: Galilée, 1987.

DERRIDA, J. **Papel-Máquina**; Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DERRIDA, J. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, J., ROUDINESCO, E. **De que amanhã... Diálogo**. Rio de Janeiro, 2004.

⁴⁰ DERRIDA, J. *A Escritura e a diferença*, p. 221.

FORRESTER, J. **As Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)**, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

HELD, K. “Husserl’s Phenomenological Method in WELTON, D. **The new Husserl: A Critical Reader**.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**: São Paulo: Nova Cultural, 1988.

JARDIM, R. “O modelo hermenêutico de reflexão” In: A. Lorenzon; C. Góis e Silva. (Org.), **Ética e Hermenêutica na Obra de Paul Ricoeur**. Londrina: UEL, 2000.

MAJOR, René. **Lacan com Derrida**; tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATTEO, V. Di. **Ressonâncias freudianas na filosofia do século XX**. Acesso em: <http://www.ufpe.br/filosofia/arquivos/RESSONANCIAS%20FREUDIANAS%20NA%20FILOSOFIA%20DO%20SEculo%20XX%20%28b%29.pdf>

MEZAN, R. **Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões**. http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm

MEZAN, R. **Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões**. http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm

PELLAUER, D. **Compreender Ricoeur**; tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

RICOEUR, P.. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1977.

RICOEUR, P.. *O conflito das Interpretações*, trad. br., Rio: Imago, 1978.

WELTON, D. *The new Husserl: A Critical Reader*. Indiana University Press.